



**NIETZSCHE E A LINGUAGEM NA SOCIEDADE
DA INTELIGÊNCIA COLETIVA DO SÉCULO XXI
DE PIERRE LÉVY**

***NIETZSCHE AND THE LANGUAGE IN THE XXI
CENTURY COLLECTIVE INTELLIGENCE SOCIETY
OF PIERRE LÉVY***

SOUZA, Arlei da Silva¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relacionar a filosofia nietzschiana com a linguagem no século XXI, uma vez que em mundo cujas mudanças ocorrem de maneira constante, principalmente em função das revoluções tecnológicas e da globalização, faz-se necessária uma análise crítica a respeito da influência dessas mudanças nas relações humanas neste novo século. Buscou-se relacionar essas mudanças que vem ocorrendo no mundo no século XXI com o proposto por Nietzsche em sua filosofia em relação à linguagem e seu papel na formação da sociedade ocidental para que, possibilitando compreender a importância do impacto dessas mudanças nas vidas das pessoas e quais caminhos o mundo ocidental está seguindo. Assim, a compreensão da filosofia nietzschiana da linguagem faz com que se possa relacionar esse novo paradigma que separa a concepção de linguagem no século XIX, época em que viveu Nietzsche, do século XXI.

Palavras-chave: Linguagem. Século XXI. Racionalismo Platônico. Paradigma.

ABSTRACT

This work aims to relate Nietzsche's philosophy to language in the XXI century, since in a world whose changes occur constantly, mainly due to technological revolutions and globalization, it is necessary to critically analyze the influence of these changes in human relations in this new century. It was sought to relate these changes that have been taking place in the world in the XXI century with those proposed by Nietzsche in his philosophy regarding language and its role in the formation of Western society, making it possible to understand the importance of the impact of these changes on people's lives and which paths The Western world is following. Thus, understanding the Nietzschean philosophy of language makes it possible to relate this new paradigm that separates the conception of language in the XIX century, the era in which Nietzsche lived, of the XXI century.

Keywords: Language. XXI Century. Platonic Rationalism. Paradigm.

¹ Especialização em Filosofia pela Universidade Estácio de Sá, Brasil (2016). Estudos de tradução, filosofia e neuroeducação. Graduação em Tradução e Interpretação pela Universidade Nove de Julho (2013). Pós-graduado em Neuroeducação, Docência do Ensino Superior pela PUC-RS, Filosofia, Ensino de Língua Inglesa e em Educação a Distância: Gestão de processos em Materiais Educacionais Digitais pela Unisinos. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1123487741938279>.



Introdução

O filósofo e filólogo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche sempre chamou atenção para o papel da linguagem na formação cultural e do pensamento humano. Isso se deve ao fato de que, para ele, a linguagem está relacionada a convenções sociais ditadas por determinados grupos que possuíam o poder de impor suas ideias e valores sobre outros e; por esse motivo, não expressa de fato os reais sentimentos, desejos e intenções das pessoas; pois, essas convenções que às pessoas são impostas minam sua capacidade de expressão e relação direta e verdadeira com o mundo; limitando-as no que concerne a viver em toda a sua plenitude e relacionando-se com o mundo dentro de todas as suas possibilidades, essas que são dinâmicas e constantemente mutáveis.

Portanto, buscar-se-á, neste trabalho, entender a influência das ideias desse pensador do século XIX no século XXI no que concerne à linguagem e sua relação direta com as artes e a moral; tendo como base obras como *Genealogia da Moral*; *O Nascimento da Tragédia* e *O Eterno Retorno*, nas quais são trabalhadas as relações do pensamento e da linguagem bem como a arte e a moral.

Ademais, tentar-se-á compreender os motivos pelos quais essas relações podem influenciar direta ou indiretamente o modo como relacionamo-nos com o mundo, como por exemplo, de onde vem nosso conceito de moral, de igualdade, o porquê das artes nas atividades humanas e como a linguagem pode determinar a maneira pela qual relacionamo-nos com o mundo.

Para tanto, algumas perguntas podem ser levantadas em busca da compreensão das ideias do filósofo em relação às mudanças pelas quais o mundo vem passando no século XXI, a saber: qual é a relação da linguagem no século XXI com as ideias propostas por Nietzsche no século XIX? Seriam as pessoas capazes de pensar

e agir de modo diferente caso a linguagem não fosse imposta a elas como o único modo de percepção do mundo, tal como o racionalismo platônico o faz? Qual é o papel das artes em nossa percepção da vida? A relação dos signos possui ligação direta com o mundo da realidade; ou ambas situam-se em mundos paralelos e isso traz consideráveis consequências para a humanidade?

Assim, tentar-se-á aqui a busca pela compreensão das perguntas supracitadas, realizando-se uma análise das ideias propostas por Nietzsche e sua filosofia da linguagem e o proposto por Pierre Lévy em relação à comunicação no que concerne ao conceito de Inteligência Coletiva proposto pelo filósofo francês. Por último, haverá a tentativa de realizar uma análise paralela dos dois pensamentos e seus impactos na comunicação no século XXI, e como esses pensamentos podem mostrar novos caminhos concernentes às relações humanas em relação ao modo como as pessoas comunicam-se e comunicar-se-ão em um futuro não tão distante.

Nietzsche: linguagem, arte e moral

Para que se possa compreender o conceito de linguagem na filosofia nietzschiana, é preciso entender sua filosofia como desconstrutivista, termo adotados por muitos acadêmicos contemporâneos. Assim, o filósofo alemão busca, a todo o momento, propor uma nova forma de pensamento, e a linguagem tem um papel fundamental nesse processo de reconstrução do pensamento.

Desse modo, Nietzsche inicia seu livro *“Genealogia da Moral”* (p. 339, 1887/1999) questionando-se sobre o conceito de moral, buscando a compreensão a respeito dos conceitos de bom e mau, mencionado no prefácio desse livro:

Que importa isso a nós, a nós filósofos!...
Refere-se, com efeito, à moral, àquilo



que até agora sobre a terra foi celebrado como moral -, por um escrúpulo que apareceu tão cedo, tão sem ser chamado, tão incontível, tão em contradição com ambiente, idade, exemplo, procedência, que eu quase teria o direito de denominá-lo meu “a priori” – teve minha curiosidade assim como minha suspeita, de fazer alto, temporariamente, diante da pergunta: quase origem tem propriamente nosso bom e mau.

Portanto, o filósofo questiona sobre a interpretação histórica a respeito da moralidade, baseando-se no modo como a ideia de “bom” e “mau” é interpretada e como essa interpretação pode influenciar a formação do pensamento moral. Para ele, só seria possível entender esses conceitos a partir do momento em que fosse possível apoiar-se em uma visão que estivesse atrás do mundo, ou seja, a partir de interpretações não metafísicas da realidade. Assim, é por meio da interpretação histórica e filológica que se torna possível questionar de modo mais consistente e coerente a respeito da origem dos conceitos de “bom” e “mau” e, depois de muito esforço, ter a condição de entender o porquê da origem dessas concepções.

Ademais, Nietzsche argumenta contra a história, uma vez que para ele os historiadores da moral não são dotados de espíritos históricos, pois foram desamparados por todos os “bons espíritos” que já passaram pela história, como descrito por Barros (20_?, p.264):

De modo geral, o pensamento de Nietzsche coloca-se contra qualquer tipo de “finalismo”. A ideia de que o mundo histórico caminha para um fim pré-determinado – seja ele o paraíso da Razão Iluminista ou a apoteose da redenção socialista – é estranha a este pensamento filosófico para o qual a história é uma interminável e complexa transformação que sofre a ação de inúmeras forças em confronto e que se redireciona contra o plano de fundo dos revezes de acasos e potências cegas,

constituindo-se cada momento nestas inúmeras trajetórias como um ponto de transição e uma abertura de decisão.

Com efeito, pode-se compreender que o filósofo posiciona-se contra qualquer tipo de busca pelo ideal, seja ele pautado pela religião, pelo racionalismo iluminista, pelo paraíso socialista dentre outros. Isto porque esses ideais não possuem relação direta com a realidade, sendo, desse modo, uma maneira de apoiar-se em mundos paralelos que em nada se relaciona com o mundo da vida, e essa busca idealizadora, na qual a história poderia ser pré-determinada, faz com que o homem prenda-se à história e a um pensamento que só enfraquece a vida e tira dele o que as artes poderiam trazer, qual seja, sua condição de reinvenção e reconstrução de valores, os quais passam justamente pelo caráter transitório e não estático da história.

Essa relação entre a história idealista e a linguagem baseada no racionalismo platônico faz com que haja apenas um modo de pensamento e de enfiamento da vida; e tais concepções tornam o homem prisioneiro e fazem com que a vida perca sua essência contraditória, seu caráter explosivo e mutatório, ou seja, sua beleza.

Com efeito, os signos, que serão totalmente arbitrários, criam representação que são tomadas como inquestionáveis e que predem o homem a apenas um modo de enxergar o mundo e entender a realidade como uma intransitória. À vista disso, Mendes (2009, p.4) apud Baudrillard (1991, p.21) descrevem a função dos signos do seguinte modo:

Os signos, em seus sucessivos processos de representação da realidade, funcionam como estratégias para encobrir a impossibilidade de se definir o real. As diversas representações utilizadas pelos homens serviram então para “salvaguardar o princípio de realidade”.

Com base no supracitado, compreende-se que o homem utiliza-se dos



signos para criar representações da realidade e conseqüentemente criar mundos paralelos nos quais constroem sua própria realidade e apoiam-se nela para enfrentar as adversidades da vida. No entanto, para Nietzsche, contrariando essas imposições que tiram o que o ser humano tem de mais valioso: sua vontade de potência, existe uma maneira de engrandecer a vida e torná-la plena e mais próxima da realidade: as artes.

Para ele, as artes são a maneira mais genuína de despertar a verdadeira potencialidade e força humana e, em seu livro, *O Nascimento da Tragédia* (1871/2005, p.19), descreve o modo como interpreta as artes e sua importância para a vida, como segue:

Teremos ganhado muito a favor da ciência estética se chegarmos não apenas à inteligência lógica, mas à certeza imediata da intuição de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do “apolíneo” e do “dionisíaco”, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações. Tomamos estas denominações dos gregos, que tornaram perceptíveis à mente perspicaz os profundos ensinamentos secretos de sua visão da arte, não, a bem dizer, por meio de conceitos, mas nas figuras de clareza penetrante de seu mundo dos deuses.

Dessa forma, Nietzsche entende que a arte dos gregos era considerada verdadeira; pois trazia como forma de interpretação uma ligação direta com o mundo da vida e da realidade, uma vez que seus deuses possuíam características de imanência, ou seja, sempre existiram e fazem parte da natureza e não estão fora dela. Desse modo, de acordo com a arte grega, o mundo sempre existiu e esse fato reforça a ideia das mudanças constantes, de finitude, de transição incontrolável que molda a existência; diferentemente da ideia da

criação difundida pelas religiões monoteístas. Em outro livro, *Vontade de Potência*, (1881/2005, p.449), o autor o encerra descrevendo sua visão sobre o mundo, e isso deixa claro o modo como ele enxerga a vida e sua relação com direta com a arte grega, principalmente ao deus Dionísio, principal símbolo daquilo que a vida oferece de inconstante:

E sabeis... o que é pra mim o mundo”?... Este mundo: uma monstruosidade de força, sem princípio, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força... uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimos, ou rendimento,... mas antes como força ao mesmo tempo um e múltiplo,... eternamente mudando, eternamente recorrentes... partindo do mais simples ao mais múltiplo, do quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez... esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, sem alvo, sem vontade... Esse mundo é a vontade de potência — e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência — e nada além disso!”

Por conseguinte, esse é o modo pelo qual se compreende o que Nietzsche deseja propor em sua filosofia: um mundo que se baseia num racionalismo linear platônico, caracterizado por Nietzsche em “*O Nascimento da Tragédia*” na figura do deus Apolo, em contraste com a mutabilidade dionisíaca, tira das pessoas a condição de interpretação ampla da vida e isso acarreta conseqüências consideráveis em relação a ela; uma vez que um único modo de interpretação existencial tira a possibilidade de viver o presente e, de modo estoico, tudo aquilo que ele pode oferecer.

Por esse motivo, a linguagem seguiria esse modelo linear e racional único de pensamento que, por conseqüência, moldaria o mundo de acordo com signos pré-determinados, ou seja, o mundo é uma



interpretação desses signos que, em função de sua característica estática e imutável, distancia-se da realidade tira dos humanos sua vontade de vida, o que Espinosa descreve como *conatus*.

Diante do exposto, pode-se entender que Nietzsche busca em sua produção filosófica trazer uma nova interpretação a respeito do uso da linguagem na construção das sociedades. Essa construção seria baseada em conceitos que não estariam relacionados com a realidade, uma vez que a natureza da vida apoia-se justamente na transitoriedade sendo assim, a impossibilidade da relação direta em palavra e objeto, como descrito por Santos (20_?, p.91):

Para Nietzsche a verdade não passa de ilusão. E essa ilusão nasce, em grande medida, do desejo humano de encontrar uma relação adequada entre a palavra e o objeto. Entretanto, ele afirma em Considerações extemporâneas, § 26, que o ser humano não possui domínio da palavra. A palavra é fugidia. Quando o homem pensa que dominou a palavra, ela já fugiu do seu controle. Por causa disso o homem nunca domina a palavra e, por conseguinte, nunca possui a verdade. O que o ser humano possui é uma crença sobre os objetos.

Portanto, pode-se concluir que Nietzsche deixa claro sua posição a respeito daquilo que se configurou, através dos séculos, como linguagem, e sua relação direta com a moral e as artes traz consequências para a vida; posto que, se esses valores morais, impostos às pessoas por aqueles que sempre possuíram o poder, não condizem de fato com a realidade de um mundo denominado por ela como dionisíaco, no qual a arte e sua característica de mudança constante e reinvenção da vida devem imperar, colocando a vida apoiada em signos pré-estabelecidos e sem valor algum e distante da realidade, não estando de acordo com as características de repensamento de valores, que ocorre em

função de sua natureza caótica e transitória.

A linguagem na sociedade da Inteligência Coletiva de Pierre Lévy

O século XXI trouxe uma série de desafios e formas de reorganização da sociedade que fazem com que sejam repensados alguns valores herdados dos séculos anteriores, nos, principalmente o XIX e XX, nos quais imperavam a industrialização do ocidente e a formação do homem como especialista no manuseio de máquinas, ou seja, formavam-se cidadãos com base na automatização e pouco senso crítico, a atividade intelectual era limitada a uns poucos privilegiados.

Esse cenário começou a mudar com o surgimento da revolução tecnológica e, por conseguinte, o surgimento da internet, pois essas trouxeram uma nova perspectiva a respeito das relações humanas, com a aproximação global, mensagens instantâneas, fluxo constante de informações dentre outros fatores.

Diante dessas mudanças, surge a necessidade de reflexão e de reorganização das relações humanas neste novo século e é o que o filósofo francês Pierre Lévy intenta analisar em sua filosofia, desenvolvendo o conceito de Inteligência Coletiva.

Segundo o autor (1998/2015, p.26), Inteligência Coletiva é “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”.

Desse modo, compreende-se que o principal desafio deste século é unir os saberes de modo que seja possível torná-los em um conhecimento coletivo, pois se as pessoas unirem suas competências buscando a transformação de informações em conhecimento sólido e consistente haverá, em decorrência disso, uma nova perspectiva a respeito do modo como as pessoas lidam com os desafios deste novo século.

Contudo, com apenas quinze anos de



século XXI, algumas indagações ainda ecoam sobre como funciona essa inteligência coletiva, a saber: qual é o processo pelo qual a sociedade das informações deve passar para que esses conhecimentos possam unir-se de forma coesa, a fim de que se possa estatuir um novo modo de interpretação e aplicação desses novos conhecimentos? Como controlar o fluxo incessantemente dessas informações para que seja possível selecionar o que realmente deve ser levado em consideração e tornar-se conhecimento prático relevante para a sociedade?

Com base nas questões supracitadas quem Pierre Lévy em sua obra filosófica intenta despertar um novo olhar para os desafios apresentados no século XXI. Assim, este trabalho tem por objetivo também analisar o modo como o filósofo francês aborda as informações, comunicações, e, por consequência, a linguagem em seu trabalho intelectual, para que se possa, posteriormente, relacionar as interpretações dessas questões no século XXI com o proposto por Nietzsche e sua filosofia da linguagem.

A informação na era da Inteligência Coletiva

O fluxo de informações, que acontece em escala global no século XXI como nunca dantes visto na história da humanidade, faz com que pensadores procurem compreender qual o impacto dessas mudanças na sociedade em todas as suas esferas possíveis. Assim, Pierre Lévy trata o tema com especial atenção e busca uma reflexão acerca do papel das informações, comunicações e linguagem no mundo atual. Segundo ele, no que tange às informações na sociedade globalizada do século XXI, há três grupos de técnicas de controle de mensagens que molda a maneira como as pessoas comunicam-se, que são: as somáticas, as midiáticas e as digitais.

De acordo com Lévy (1998/2015,

p.49):

As primeiras implicam a presença efetiva, o engajamento, a energia e a sensibilidade do corpo para a produção de signos. [...] As segundas fixam e reproduzem mensagens a fim de assegurar-lhes maior alcance, melhor difusão no tempo e no espaço. [...] E as terceiras, autoriza a fabricação de mensagens, sua modificação e mesmo a interação com elas, átomo de informação por átomo de informação, *bit* por *bit*.

Portanto, é este o cenário apresentado pelo filósofo sobre as informações, que se relacionam ao modo como o controle das mensagens ocorre; e esses fatores produzem impactos diretos nas vidas das pessoas e no modo como elas relacionam-se comunicacionalmente. Nas mensagens somáticas, por exemplo, tem-se a transmissão de informações por meio da fala, gestos e dança. Assim, sendo o interlocutor o foco da mensagem, ele pode adapta-la e reajusta-la a suas intenções, tornando, por conseguinte, o ato comunicacional mais objetivo e direto.

Em contrapartida, as mensagens midiáticas possuem um alcance maior do que as somáticas, uma vez que podem ser transmitidas por vários meios de comunicação, como TV, internet, rádio etc. Contudo, essas mensagens não chegam ao público com a mesma originalidade das somáticas; pois quando chegam ao público não possuem relação direta com o interlocutor e o receptor da mensagem, posto que essas passam por um processo de intermediação e reorganização que faz com que as mensagens possam ser parafraseadas.

Por último, completando o círculo de mensagens deste novo século, há as mensagens digitais, que são caracterizadas pelo seu alto grau de flexibilidade, diferentemente do que ocorre com as mensagens tradicionais; pois essas se caracterizam por sua estabilidade, consequentemente, por sua linearidade.



Em vista disso, devido à revolução comunicacional que passa pela popularização da informática e internet; as mensagens digitais começaram a ocupar papéis cada vez mais relevantes na troca de informações em um mundo globalizado. Logo, em função de seu dinamismo e flexibilidade de manuseio, as mensagens digitais tornam a comunicação mais interativa e faz com que o alto fluxo de informações seja cada vez mais dinâmico, impactando em várias áreas das relações humanas.

Desse modo, Lévy aborda a comunicação no século XXI como a relação dinâmica entre as várias formas de trocas de informações que são transmitidas por várias técnicas de controle de mensagens que regem uma sociedade cada vez mais dinâmica, que faz das comunicações um instrumento de interação simultânea e flexível.

A relação entre a linguagem na filosofia nietzschiana e na inteligência coletiva de Lévy

Nietzsche sempre buscou em sua filosofia desconstruir valores já estabelecidos e demonstrar que esses valores podem ser incessantemente reavaliados e colocados em xeque quando necessário; uma vez que, desse modo, essa transvalorização de todos os valores faz com que as ações humanas sejam reavaliadas e novas ações sejam criadas. Assim, haverá um processo contínuo de reconstrução de pensamento que aproxima o homem cada vez mais da vida, traz a ele vontade de vida ou, como Nietzsche sempre citou em seus trabalhos, sua vontade de potência.

Assim, qual seria o papel da linguagem na filosofia nietzschiana? Uma vez mais se entende que é por meio dela que se instauram valores universais imutáveis e se, esta não for repensada, nada do que foi proposto por Nietzsche realizar-se-á.

Em relação ao século XXI, compreende-se que a sociedade informacional da inteligência coletiva relatada na filosofia de Lévy traz uma série de questionamentos e desperta, desse modo, o repensar a linguagem e suas funções neste novo século que, como no final do século XIX, época vivida pelo filósofo alemão na qual um turbilhão de mudanças ocorria em meio ao ápice da Revolução Industrial, passa também por uma mudança de paradigma e, por conseguinte, uma mudança na função da linguagem em uma sociedade na qual as mensagens são instantâneas e podem ser enviadas de qualquer lugar do mundo.

Esse, portanto, é o desafio pelo qual este trabalho procurará enveredar-se para que seja possível realizar uma análise crítica a respeito do papel da linguagem; contrapondo os séculos de mudanças relevantes nos quais viveram Nietzsche e Lévy; e o que o filósofo alemão anteviu sobre o que ocorreria nos próximos dois séculos, não apenas no que refere-se à linguagem em todas as suas vertentes, mas também as artes e a moral, posto que para ele todas estão diretamente entrelaçadas em todas as esferas da realização social.

Primeiramente, dever-se-á contextualizar o cenário vivido por Nietzsche, em que a ciência despontava, principalmente em função do pensamento iluminista e da Revolução Industrial, como o ponto de apoio da sociedade moderna, que antes era baseada no teocentrismo; e essa mudança de paradigma trouxe desafios que fizeram com que o pensamento tomasse outra direção, pautado no ser mais racional, mais humanizado, responsável por suas criações e autonomia intelectual.

Ademais, sua crítica está direcionada tanto para a religião quanto para a ciência, pois interpretava ambas como formas de enfraquecimento humano: o homem continua buscando um ideal e o um sentido transcendental para sua existência, o que tiraria dos humanos o que Nietzsche descreve como *amor-fati*, uma forma de



retomada do pensamento estoico, no qual se pregava apenas a vivência do presente, uma vez que passado e futuro estavam fora da vida e, portanto, fugiam à realidade. Em A Gaia Ciência, Nietzsche (1887/2012, p.276) apresenta sua definição de *amor-fati*, a saber:

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. Amor-fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!

Mas o qual seria a relação do conceito de *amor-fati* com a linguagem e suas implicações para a vida? Nietzsche (1878/2005, p.20) intenta responder a essa questão em um trecho de seu livro Humano, Demasiado Humano, em que o filósofo argumenta sobre o uso da linguagem e sua função para o mundo:

A importância da linguagem para o desenvolvimento da civilização reside no fato de que nela o homem colocou um mundo próprio ao lado do outro, posição que julgava bastante sólida para dali erguer o resto do mundo sobre os seus eixos e se tornar senhor do mundo.

Desse modo, relacionando as duas questões supracitadas, compreende-se o poder que a linguagem tem para tirar da vida sua energia vital, e isso ocorre devido ao fato de que quanto mais o homem a utiliza para dar suas próprias significações ao mundo, nomeando tudo de acordo com seus próprios interesses e juízos de valor, ele, por conseguinte, elimina o único elemento que rege sua existência, a saber: o presente.

Logo, tudo o que o homem faz apoiando-se em signos linguísticos cujos valores já foram há muito ultrapassados, limita sua capacidade de reinvenção do

pensamento, que ocorre por meio da linguagem, eliminando seu amor pelo presente e pela vida, ou seja, o *amor-fati*.

Relacionando o dito pelo filósofo alemão com o proposto por Lévy, entende-se que a dinamicidade das trocas de informações correntes no século XXI trouxe um novo modo de relacionamento comunicativo e afetivo entre as pessoas e fez com que deixassem seu isolamento cartesiano para inserirem-se em um mundo no qual há uma rede extensa de troca de informações. Neste mundo as pessoas têm acesso aos pensamentos, sentimentos e atividades cotidianas do outro; que ocorrem por meio da incessante troca de mensagens, e fazem com que o coletivo inteligente sobreponha-se ao individual.

Assim, essa troca coletiva de informações pode trazer tanto consequências positivas quanto negativas sobre a maneira como essas pessoas lidam com tais mudanças. Por exemplo, em primeiro lugar, as pessoas podem transformar essas informações em novo olhar a respeito do conhecimento, fazendo com que construam um saber coletivo que pode ajudar no desenvolvimento de novas formas de construção do processo de aprendizagem, no qual os atores desse saber coletivo interagem entre si repensando alguns conceitos, desconstruindo uns, reconstruindo outros, propondo novas formas de saber, possibilitando a criação de ferramentas que possam tornar o conhecimento em algo mais sólido e útil para aquela comunidade.

Em contrapartida, estas trocas desenfreadas de informações podem fazer com que as pessoas vivam apenas em mundos paralelos e, por conseguinte, não consigam transformar esse fluxo de informações em um saber coletivo, pois pode não conseguir distinguir entre o real e o virtual. Buscando uma relação com o proposto pela filosofia nietzschiana, o que para ele fez com que a linguagem ficasse distante da realidade é o fato de que, em função da criação de mundos paralelos, o



homem não conseguisse interpretar tal realidade como ela se apresenta e, conseqüentemente, apoiasse-se nessa realidade paralela escondida atrás desse mundo de representações apoiada em signos arbitrários e vazios de sentido.

Assim, pode-se levantar a questão em relação ao uso de modos de comunicação que fujam da proposta da construção do saber coletivo e coloquem as pessoas em realidades paralelas nas quais, embora estejam comunicando-se com o mundo instantaneamente, não podem não criar novas formas de tornar as informações em comunicação efetiva e, por conseguinte, em novos conhecimentos.

Portanto, em épocas de mudanças de paradigmas, como as vividas tanto no século XIX quanto no século XXI, criam-se também novos desafios no que concerne a questões essenciais entre as relações humanas que, como tratado neste trabalho, criam a necessidade de uma revisão constante a respeito dessas relações, uma vez que suas conseqüências para a vida prática estão diretamente ligadas ao modo como o ser humano lida tais mudanças e desafios.

Entende-se, portanto, que em um mundo no qual as linguagens passam por transformações profundas e, por conseguinte, o modo como as pessoas as utilizam, faz-se necessária a relação entre o proposto por Nietzsche (1889/1999, p.10) sobre ao uso da linguagem como instrumento de escravidão e limitação da vida real, como citado em um trecho da Genealogia da Moral:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores. [...] Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral Não a um fora, um outro, um não-eu – e este não é seu ato criador”

Essa criação de valores a qual ele se refere pode ser compreendida hoje como a aceitação das diversas formas de

comunicação, as quais as pessoas estão expostas, como fonte inquestionável da verdade, ou essa criação pode estar relacionada a uma falta de controle, direcionamento e orientação no que diz respeito ao fluxo dessas informações; visto que elas podem levar a várias direções e a nenhuma ao mesmo tempo, ou seja, essa nova criação de valores da linguagem no século XXI pode estar baseada em fontes não criteriosas para a busca de sua veracidade o que, conseqüentemente, tira mais uma vez da vida sua relação direta com o real.

Lévy (1998/2015, p.138) também descreve o papel dos signos e suas relações entre o que é arbitrário e o que é real, a saber:

Essa transcendência do signo instaura um regime de ausência ou, pelo menos, um universo fulgurante de mortos-vivos em que os signos e coisas perseguem sem jamais atingir a plena presença do ser. Com efeito, a coisa está ausente, ela nos escapa; pois só a aprendemos mediante seu nome, seu conceito, sua imagem, sua percepção, sempre signos. A coisa só aparece aqui sob a forma neutra, pálida e sem vida de seu representante. Não é mais que seu inacessível “referente”. A coisa em si é transcendente. Quanto ao signo propriamente dito, ele está presente, mas sem possuir, é claro, a dignidade ontológica e a imanência da coisa terrestre. É um ser menor. Imposto pela lei, transcendente, isolado pela seiva que se eleva da Terra, está, por sua vez, ausente. Como constatara Lacan, o regime do corte semiótico instaura a castração.

À vista disso, o filósofo francês também faz uma ponte entre o que os signos representam e o que é real; realçando a ideia de transcendência que se situa para além daqueles. Novamente, relacionando o citado por Lévy com o proposto por Nietzsche, entende-se que ambos estão de acordo a respeito do papel diminuidor de



potência que a linguagem e os signos podem trazer à tona, criando desse modo um mundo paralelo, distante de qualquer realidade que possa ser apresentada pela vida em todas as suas possibilidades, que se reflete em um processo de *devir* constante e, por essa razão, não pode fazer com que as pessoas interpretem o mundo de apenas um modo. Essa interpretação passa pelo crivo escravatório da linguagem e dos signos, caso não passe por um processo de mudanças e reavaliações constantes das formas como a linguagem pode apresentar-se e estabelecer-se.

A relação entre a linguagem no século XXI e as artes

A filosofia nietzschiana sempre se pautou na relação entre a linguagem e a moral e suas consequências nas relações entre as pessoas com o mundo. Ademais, o filósofo alemão também tratou a arte como objeto de observação e reflexão filosófica; pois é nela em que o homem apoia-se para lidar com a contraditoriedade na qual sua existência está permeada, e é nas artes, entenda-se que para ele arte é todo tipo de atividade humana que tenha a capacidade de elevar sua vontade de potência, que o homem desperta todo o seu potencial de aproximação da vida e, por conseguinte, une-se ao transitório, à finitude, ao devir e à vida em toda a sua plenitude.

Em vista disso, é apoiado nesse conceito que o filósofo alemão traz a ideia do super-homem, como descrito em Assim Falou Zaratustra (1881/2011, p.13), “Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado”. “Que fizestes para superá-lo?”

O que Nietzsche tenta trazer nesta parte do livro é uma provocação; é um desafio àqueles que estão presos a uma vida baseada na metafísica, àqueles que disfarçam a realidade criando mundos paralelos os quais nem mesmo eles sabem se poderão algum dia ser habitados, tanto no plano terrestre quanto no celestial.

É, portanto, contra o pensamento dualizado platônico, o cristianismo, o socialismo e qualquer outro tipo de utopia que ele trava uma batalha, isso porque acreditava que essas formas de pensamento eram fragmentadas e separavam o homem do todo, apoiando-se sempre em ideias que traziam consequências consideráveis para a vida; pois sua função é limitar a capacidade de pensamento, tirar o presente e a única realidade possuída pelo homem, reduzir sua vontade de potência e, conseqüentemente, enfraquecer as artes, essas que embelezam a vida.

Em relação ao proposto por Pierre Lévy a respeito das artes, um conceito trazido à tona por ele deve ser primeiramente compreendido, a saber: a ideia do *Ciberespaço*.

Esta ideia é definida por Lévy (1998/2015, p.102) do seguinte modo:

Ciberespaço: palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O *ciberespaço* designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural.

Dessa maneira, compreende-se que o *ciberespaço* traz consigo uma série de novas possibilidades de relação entre as pessoas, essas que podem ocorrer em tempo real e globalmente, e tais quebras de barreiras criam novos paradigmas acerca do modo como essas relações estão ocorrendo bem como quais são suas implicações para o modo como as pessoas tratam as artes e a comunicação. Pois as mudanças constantes trazidas por esse novo espaço podem mudar a percepção dada ao que se considera arte.

Portanto, entende-se que as mudanças trazidas pelas novas tecnologias fazem com que as sociedades do *ciberespaço* integrem-se a elas, pois, dada a dinamicidade dos espaços midiáticos, faz-se necessário o desenvolvimento de novos modos de



interpretação e relação com as artes nesse novo espaço. O autor (1998/2015, p.105) chama atenção para a necessidade de criação de novas artes que ocorrem em função de tais mudanças, a saber:

Há alguns séculos, pelo menos, o fenômeno artístico apresenta-se no Ocidente mais ou menos da seguinte forma: uma pessoa (o artista) assina um objeto ou mensagem particular (a obra), que outras pessoas (os destinatários, o público, os críticos) percebem, experimentam, leem, interpretam, avaliam. Quaisquer que sejam a função da obra (religiosa, decorativa, subversiva...) e sua capacidade de transcender toda função em direção ao núcleo de enigma e de emoção que habita em nós, ele se inscreve em um esquema de comunicação clássica. O emissor e o receptor diferenciam-se nitidamente, e seus papéis são perfeitamente designados. Ora, o ambiente tecnocultural emergente suscita o desenvolvimento de novas espécies de arte, ignorando a separação entre emissão e recepção, composição e interpretação. Trata-se apenas de um possível aberto pela mutação em andamento, possível que poderia muito bem não se realizar jamais, ou só parcialmente. Visamos, antes de qualquer coisa, impedir que ele se feche demasiado cedo, sem ter desenvolvido a variedade de suas riquezas. Essa nova forma de arte faz experimentar o que justamente não é mais um público de *outras modalidades de comunicação e criação*.

Em vista disso, Lévy busca na descrição supracitada trazer à tona um novo modo de interpretar as artes com base nas mudanças ocorridas em um ambiente que ele denomina que tecnocultural, ou seja, as tecnologias já fazem partes do processo de identificação e formação cultural, trazendo consigo novos desafios no que diz respeito à forma como a sociedade informatizada do século XXI pode relacionar-se com elas.

Esse novo espaço tecnocultural traz consigo uma série de desafios no que diz respeito ao modo como as artes são produzidas hoje, isso porque a dinamicidade nas trocas de informações trazidas pela tecnologia faz com que as artes tenham de adaptar-se elas; fazendo com que o desenvolvimento, a divulgação e

a entrega do produto artístico passem por um processo de reorganização. A ideia é a de que esses novos caminhos da arte possam experimentar a inovação; estando abertos ao que esse ambiente emergente pode oferecer em todas as suas modalidades do fazer artístico.

A relação entre o proposto por Nietzsche e Lévy sobre as artes situa-se no fato de que em ambos os pensamentos filosóficos as artes continuam exercendo um papel de transcendência na sociedade, posto que o pensador alemão sempre procurou deixar claro em seus escritos a importância do caráter transitório da arte. A diferença agora é que, em uma sociedade que hoje está apoiada em um saber coletivo, esse caráter transitório tão defendido por Nietzsche pode ganhar novos contornos, pois esse novo ambiente de mudanças constantes pode trazer consigo o ponto de partida para o desenvolvimento do pensamento que possa transitar sobre vários campos do conhecimento, apoiando-se nas trocas de informações ocorridas em tempo real.

Esse novo paradigma pode também trazer consigo, em função do modo como serão interpretadas as artes baseadas na inteligência coletiva, uma nova perspectiva em relação ao uso de linguagem, uma vez que os desafios trazidos pelos ambientes tecnoculturais poderá fazer despertar nas pessoas cada vez mais a busca pela criação do pensamento explosivo, integrando-se às mudanças incessantes trazidas por esse fluxo contínuo de informações e troca de conhecimento.

No entanto, deve-se ressaltar que as perspectivas supracitadas estão sendo colocadas no plano das possibilidades; nas quais foram comparadas as propostas realizadas por ambos os filósofos em seus respectivos contextos temporais e sociais a respeito do uso de linguagem e por consequência dos conceitos de moral e arte. Assim, deve-se entender que o conceito de inteligência coletiva, *ciberespaço*, bem como a democratização dos meios de



comunicação ainda são casos recentes e, portanto, é importante compreender que apenas o tempo poderá ou não transformar essas possibilidades em realidade e a interpretação realizada aqui possa de fato concretizar-se ou não.

À vista disso, o que se pretendeu realizar neste trabalho foi uma análise crítico-reflexiva acerca dos caminhos da linguagem na sociedade da inteligência coletiva proposta por Pierre Lévy com o proposto pelo filósofo alemão Friederich Nietzsche, atentando-se ao fato de que tanto as artes como a moral possuem relação direta com ela; visto que os três conceitos coexistem entre si e estão intrinsecamente ligados, exercendo grande influência e consequências uns sobre os outros. Por essa razão, que neste trabalho tentou-se analisar, incessantemente, a linguagem em consonância com as artes e a moral e suas implicações para a vida.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo analisar criticamente a relação entre a linguagem e suas implicações na moral e nas artes de acordo com o proposto pelo filósofo e filólogo alemão Friederich Nietzsche, no século XIX, e suas consequências para a sociedade da inteligência coletiva; conceito desenvolvido pelo filósofo francês Pierre Lévy no final do século XX.

Após a comparação entre o proposto pelos dois filósofos em relação à linguagem em seus respectivos séculos e contextos, e suas implicações diretas nas artes e na moral, concluiu-se que, em ambos os séculos, as mudanças de paradigmas trouxeram consigo desafios a respeito do modo como deve-se utilizar a linguagem em suas relações cotidianas e como o uso de aspectos específicos da linguagem pode trazer consequências consideráveis para a vida prática.

Com base no supracitado, compreende-se que em um ambiente de

transformações constantes, no qual as pessoas devem integrar-se a tais mudanças de maneira flexível e dinâmica para que assim não fique de fora desse processo e esteja em consonância com ele o mais rápido possível, é necessário estar ciente de que quanto mais houver a busca em direção a uma sociedade que esteja pautada em saberes coletivos e construção de conhecimentos sólidos trazidos por essas mudanças, mais será possível a integração e compreensão desses novos desafios trazidos pela sociedade da informação e da inteligência coletiva do século XXI.

Portanto, faz-se necessária a constante reflexão a respeito do modo como a linguagem está sendo utilizada na sociedade informacional do século XXI, realizando-se um paralelo com o proposto por Nietzsche e sua filosofia da linguagem, que consiste na utilização desta, como elemento de dominação e escravização da vida em nome de valores superiores e niilistas, tendo como objetivo a destruição da própria vida no que diz respeito à sua total potencialidade de transvalorização de valores.

Com efeito, a busca pela utilização da linguagem em um mundo dinâmico, no qual a troca instantânea de mensagens pode, tanto fazer com o que a inteligência coletiva torne-se o elemento-chave para o desenvolvimento dessa em direção a caminhos de busca de conhecimentos consistentes e trocas de experiências que enriqueçam a vida; em detrimento de sua utilização banal, bem como a falta de senso crítico em relação a busca e seleção de informações, que podem levar a equívocos e transformar essa nova forma de linguagem, como proposto pelo filósofo alemão, em escravizadora da vida, criando realidades paralelas e, por conseguinte, enfraquecendo a vida e tudo que ela pode abranger.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **Nietzsche e**



as críticas à filosofia da história e à historiografia científica do século XIX.

Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/7743>>. Acesso em: NOV. 2016.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. 1. ed. São Paulo: Folha, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zarathustra**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A Gaia Ciência**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

_____. **Genealogia da Moral**. 1. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

_____. **Humano Demasiadamente Humano**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

_____. **O Nascimento da Tragédia**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

_____. **Vontade de Potência**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

SANTOS, Ivanildo. **Nietzsche e a Linguagem**. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/saberes/Numero4/Artigos%20em%20FilosofiaFilosofia/Ivanildo%20Santos,%20Nietzsche%20e%20a%20linguagem,%20p.%2089-95.pdf>>. Acesso em: NOV. 2016.

SOMA, Fábio. **Nietzsche e a Função da Linguagem e da História na Busca da Verdade**. Disponível em: <<http://www.periodicos.unifra.br/index.php/haumazein/article/view/179/pdf>>. Acesso em: NOV. 2016.